



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 17 - junho 2017
VICTOR RUI DORES

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

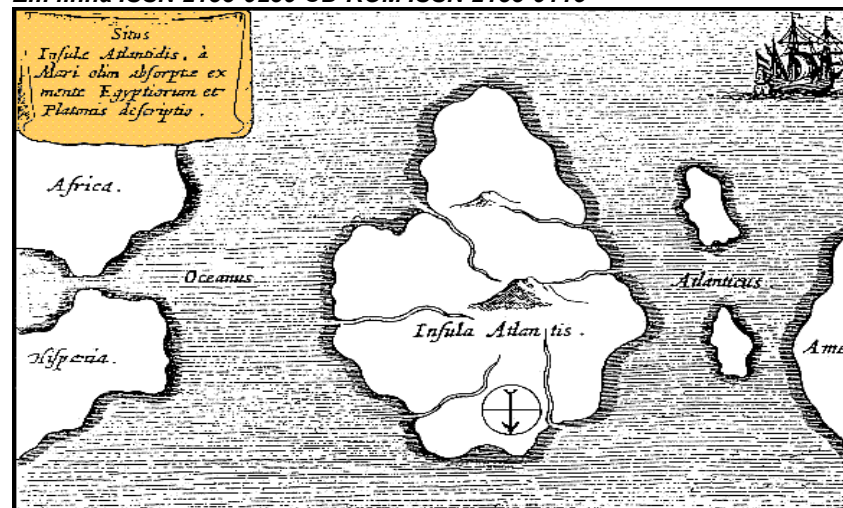
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 17 é dedicado a VICTOR RUI DORES

TEMA 4. TRADUZIR PARA INGLÊS A CRÓNICA “A GRACIOSA ILHA” (“GRACIOSA,
THE GRACIOUS ISLAND”) DE VICTOR RUI DORES 1

Não é impunemente que se nasce na segunda mais pequena ilha dos Açores, onde a terra é pouca, o mar é vasto e o sonho é enorme...

Por isso faço, desde já, uma declaração de interesses: sou graciosense com muito orgulho e saudade.

A Graciosa faz parte da minha memória primeira e do meu imaginário afetivo. Foi nesta ilha que despertei para a vida, para o mundo e para o conhecimento das coisas. Saí um dia da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim – ela navega em mim, carrego-a dentro de mim. Por isso mesmo sinto o direito e o dever de reivindicar aquilo que, dentro e fora de fóruns de debate, tenho vindo a chamar de graciosensidade, conceito que criei a partir de açorianidade, de Vitorino Nemésio. E a minha graciosensidade é precisamente o meu apego e o meu amor incondicional pela ilha Graciosa, é a minha marca de identidade e de identificação com o espaço graciosense.

A Graciosa, com 61 km² e 4.390 habitantes, é de todas as ilhas dos Açores a menos montanhosa e húmida. “Ilha branca” lhe chamaram, ao que se julga saber devido à abundância de traquito, a rocha que vista ao longe terá dado a impressão de ser branca aos olhos dos nossos primeiros povoadores. Daí a toponímia da ilha: Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

Esta ilha seduz o visitante pela sua paisagem feita de planuras, montes arredondados cobertos de árvores, vinhas entre paredes de pedra negra, campos de cultivo e a presença constante do mar. O conceito da Natureza intocada aplica-se aqui às mil maravilhas. Possuindo um dos mais ricos ecossistemas do mundo, a Graciosa é, desde 2007, Reserva da Biosfera declarada pela UNESCO.

Se o leitor quiser fazer uma “viagem ao centro da terra”, não se fique pelo Júlio Verne e vá visitar a inquietante beleza da Furna do Enxofre, fenómeno vulcanológico raro e geologicamente único no mundo. Trata-se de uma depressão existente no subsolo da Caldeira – cratera de um antigo vulcão – onde se dá um fenómeno de libertação de gases sulfurosos provenientes de uma massa fluida em permanente ebulição localizada no interior mais recôndito da caverna. Comunica com o exterior através de duas aberturas, e em 1939, na maior delas, foi construída por um simples mestre pedreiro, sob a orientação do tenente Manuel Severo dos Reis, uma imponente escadaria (em caracol) de acesso,

em alvenaria aparelhada, hoje apontada como um exemplo feliz em termos de engenharia ambiental.

Durante muito tempo, e antes da sua construção, quem quisesse conhecer a Furna tinha que descer amarrado pela cintura. O naturalista Fouqué, em 1873, e o príncipe Alberto de Mónaco, a partir de 1879, foram os primeiros a estudar a Furna, chamando a atenção da comunidade científica internacional para o seu interesse e originalidade.

Descendo os 184 degraus da referida escadaria, deparamos com um profundo túnel com cerca de 100 metros de profundidade. No fundo, uma enorme gruta, com abóbada de 80 metros de altura, revestida de estalactites e um lago subterrâneo, de água fria e sulfurosa, com cerca de 130 metros de diâmetro e 15 metros de profundidade máxima. Um assombro! “Catedral de lavas ínvias”, chamou Vitorino Nemésio a este assombro. (“Vulva vulcânica” lhe chamei eu num poema). E se Raul Brandão, na sua viagem efetuada pelo Açores em 1924, tivesse desembarcado na Graciosa, tenho a impressão que o livro *As Ilhas Desconhecidas* teria mais um capítulo...

Emoldurada por vistosos moinhos de vento, Santa Cruz, situada na costa norte e sede do concelho, é uma vila pitoresca com ruas desafogadas e belos exemplares de edificação senhorial – soberbas casas solarengas que pertenceram a gente que, no século XIX, enriqueceu à custa das duas grandes produções da ilha: vinho e cereais. O traçado da rede urbana é harmonioso, reflexo de um desenvolvimento pensado e não caótico. No centro da vila existem dois paus (tanques) murados que se destinavam à recolha da água das chuvas e que noutros tempos eram utilizados como reservatório de água para o gado.

Em frente, encontra-se uma ampla praça – Rossio – com um maciço de araucárias, ulmeiros e metrosíderos que oferecem beleza e frescura. A hoje denominada Praça Fontes Pereira de Melo é o salão de visitas da vila, espaço acolhedor de lazer e convívio, sendo de apreciar o empedrado artístico da sua calçada. E depois há a igreja Matriz com fachada ornada por grossos motivos barrocos de pedra basáltica. O templo guarda os famosos Painéis Quinhentistas, possivelmente da autoria de Cristóvão de Figueiredo, valiosas peças com projeção nacional e internacional. Apesar das suas pequenas dimensões, a Graciosa possui atualmente 10 igrejas e 22 ermidas, o que constitui um importante património religioso.

A sul de Santa Cruz localiza-se São Mateus (Praia), numa zona plana e abrigada, estruturando-se a partir de uma via marginal que constitui o eixo de uma pequena estrutura urbana. Na rua marginal, defronte para a praia, existe uma linha bem organizada de edifícios, de cores claras e fachadas simples, dando um ar de homogeneidade ao conjunto. A Praia alberga o porto de passageiros e carga da Graciosa, e o seu ilhéu reveste-se de especial importância como habitat de aves marinhas pelágicas.

As freguesias de Guadalupe e Luz são típicas povoações rurais com casas brancas rodeadas de campos de cultivo. Na Luz encontram-se as famosas Termas do Carapacho, descobertas em 1750, cujas águas (cloretadas, sódicas, sulfatadas e cálcicas)

¹ Dores, Victor Rui. “A Graciosa ilha.” Disponível em http://www.rtp.pt/acores/comunidades/a-graciosa-ilha-victor-rui-dores_41372 em 06/12/2013.

são recomendadas para tratamento de nevralgias [sic], doenças reumáticas e de pele. Aqui se faz termalismo de excelência.

Os graciosenses cumprem, na sua ilha, ciclos e ritos ancestrais – nessa subtil fronteira que separa o sacro do profano. E, dotados de uma alegria de viver, mantêm bem vivas as tradições populares: uma especial apetência pela festa, pela folia e pela música, com um gosto muito especial por animadíssimos bailes de salão, sendo de destacar um peculiar baile antigo (baile mandado).

Mas a ilha marca outras diferenças: possui uma onomástica sui generis; uma forte tradição pianística; o seu Carnaval (com nítida influência brasileira) é caso único em Portugal porque tem a duração de 3 meses e não de 3 dias...

E mais: existem duas cantigas populares genuinamente graciosenses: “José” e “Terceira”. A gastronomia é de primeiríssima água e a doçaria não tem igual: queijadas, pastéis de arroz, para já não falar das dulcíssimas meloas... A Graciosa já teve mais vinho do que água. Por isso continuamos hoje a apreciar os seus brancos e verdes, bem como as aguardentes envelhecidas durante 14 anos em cascos de carvalho. E convém destacar a andaia, bebida licorosa caseira, que tem origem no Brasil e foi trazida para a Graciosa no século XIX por emigrantes graciosenses.

De facto, uma ilha pequena como esta luta para ser diferente. Só mais três exemplos: a Graciosa é hoje a capital dos Açores no que à fotografia subaquática diz respeito; o município de Santa Cruz lidera o ranking, a nível nacional, de recolha seletiva de papel e cartão; a ilha está a dar passos decisivos nas energias renováveis.

Os graciosenses, no seu modo de viver pacato e ordeiro, são afáveis, alegres, hospitaleiros e comunicativos, sempre disponíveis para os comes e bebes... E esta é sem dúvida uma maneira de ser feliz.

“GRACIOSA, THE GRACIOUS ISLAND”, DE VICTOR RUI DORES. TRADUZIDA PARA INGLÊS POR KATHARINE F. BAKER E BOBBY J. CHAMBERLAIN, PH.D. 2

It is not with impunity that one is born on the second smallest island in the Azores, where land is scarce, the sea vast and dreams enormous.

So from the outset I declare my interest: I am a Graciosan, filled with great pride and *saudades*.

Graciosa forms a part of my earliest memories and fondest images. It was on this island that I awoke to life, to the world and to the knowledge of things. One day I left Graciosa, but Graciosa did not leave me – it is my lodestar, and I carry it within me. Thus, I truly feel the right and duty to claim as my own what in discussion forums and elsewhere I have come to call Graciosan-ness, a concept I created based on Vitorino Nemésio's

notion of Azorean-ness. And my Graciosan-ness is in fact my attachment and unconditional love for the island of Graciosa; it is my brand name and my identification with Graciosa's space.

Graciosa, comprising 23 square miles and 4,390 inhabitants, is the least hilly and least muggy of all the islands in the Azores. It is called the “White Island” due to the abundance of trachyte, the rock that seen from a distance in the eyes of our first settlers must have given the impression of being white. Hence such island place names as Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

This island entices visitors with its scenery of flat land, rolling hills covered with trees, vineyards surrounded by black stone walls, fields under cultivation, and the constant presence of the sea. The concept of unspoiled Nature applies here a thousand times over. Endowed with one of the world's richest ecosystems, Graciosa has since 2007 been recognized as a UNESCO Biosphere Reserve.

Should the reader wish to make a “journey to the center of the earth,” do not settle for Jules Verne; instead, go visit the disquieting beauty of Furna do Enxofre, one of the world's rare volcanically and geologically unique phenomena. It consists of a depression in the subsoil of the Caldeira (crater of an ancient volcano), where one can see a phenomenon of sulfurous gases emanating from a fluid mass in a constant boiling state, located in the cave's innermost reaches. It connects with the outside world through two openings, and in 1939 a sweeping spiral access staircase was built in the larger one by a master mason under the supervision of Lt. Manuel Severo dos Reis – using stone masonry identified today as a felicitous example of environmental engineering. Until its construction, anyone wanting to see Furna had to climb down with a rope tied around the waist. The naturalist Fouqué, in 1873, and Prince Albert of Monaco, starting in 1879, were the first to study Furna, drawing the attention of the international scientific community to the interest and originality of the site.

Descending the 184 steps of the aforementioned stairway, we come across a deep tunnel about 330 feet down. At the bottom is a huge cave with vaults some 260 feet tall covered with stalactites, containing an underground lake about 430 feet in diameter and 50 feet at maximum depth of cold sulfurous water. What a marvel! “A cathedral of impassable lavas,” Vitorino Nemésio called this wonder. (“A volcanic vulva,” I termed it in a poem). And if Raul Brandão, on his journey through the Azores in 1924, had landed on Graciosa, I have the impression that his book *As Ilhas Desconhecidas* [The Unknown Islands] would have contained an additional chapter.

Surrounded by scenic windmills, Santa Cruz, located on the north coast and seat of the concelho [county], is a picturesque village with unobstructed streets and beautiful examples of majestic construction – superb mansions that belonged to people who grew wealthy in the 19th century from the island's two major outputs: wine and grains. The layout of the city's grid is harmonious, reflecting a well-thought-out, unchaotic development. In the

² Dore, Victor Rui. “Graciosa, the Gracious Island.” Trans. Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D. Disponível em http://www.rtp.pt/acoeres/comunidades/graciosa-the-gracious-island-by-victor-rui-dores-trans-katharine-f-baker-and-bobby-j-chamberlain_41700 em 13/11/2014.

town center sit two walled ponds (i.e., tanks) built for collecting rainwater, which in the past were used as water reservoirs for cattle. Up ahead is a large square – Rossio – with a stand of pines, elms and bottlebrush trees that afford beauty and cooling shade.

What is now called Fontes Pereira de Melo Plaza serves as the village visitors' center, a welcoming venue for leisure and socializing, duly appreciated for the stone artistry of its pedestrian walkway. And then there is the façade of the Matriz (parish church) with its baroque motifs adorned by thick basaltic rock. The church contains famous 16th-century panels, possibly done by Cristóvão de Figueiredo, that constitute valuable artworks with national and international renown. Despite its small size, Graciosa currently has ten churches and 22 chapels, which represent an important religious patrimony.

South of Santa Cruz is São Mateus da Praia, located in a flat, sheltered area extending from a secondary road that constitutes the axis of a small urban cluster. On the street across from the beach is a well-organized line of buildings in pale colors with simple façades, giving an air of homogeneity to the whole. Praia hosts the port for Graciosa's ferry passengers and cargo shipments, and its off-shore islet is of special importance as habitat for ocean-going seabirds.

The villages of Guadalupe and Luz are typical rural settlements, with white houses surrounded by cultivated fields. In Luz are found the famous hot springs at Carapacho, discovered in 1750, whose waters (chlorinated, saline, sulphated and bicarbonated) are recommended for treatment of neuralgia, rheumatism and skin ailments. The hydrotherapy here is par excellence.

On their island Graciosans observe the seasonal cycles and ancestral rites – straddling the subtle boundary that separates the sacred from the profane. And, endowed with a zest for life, they maintain their folk traditions: a special appetite for festas, revelry and music, with a very special taste for highly animated ballroom dances, most notably a typical old dance, the *baile mandado* [with moves dictated by a caller].

But the island has other distinct differences: a terminology all its own, and a strong tradition of piano-playing. Its Carnival (with a distinct Brazilian influence) is unique in Portugal in that it lasts for three months, not three days.

Further, there are two genuinely Graciosoan popular songs: “José” and “Terceira.” The cuisine is of the highest quality and the sweets have no equal: *queijadas* [egg-rich tarts], *pastéis de arroz* [rice pastries], to say nothing of the sweetest cantaloupe and honeydew *meloas*. Graciosa once had more wine than water. Thus today we continue to enjoy its whites and verdelhos, as well as brandies aged 14 years in oak casks. And one should note Graciosa's *andaia*, a homemade distilled digestif that has its origins in Brazil and was brought to Graciosa in the 19th century by Graciosoan emigrants.

In truth, a small island like this struggles to be different. Just three more examples: Graciosa is today the underwater-photography capital of the Azores; the municipality of

Santa Cruz ranks high nationwide for its collection and separation of paper and cardboard; and, the island is taking decisive steps in the field of renewable energy.

Graciosans, in their peaceful and orderly lifestyle, are affable, cheerful, hospitable and communicative, always enjoying food and drink. And this is without doubt a way to be happy.

10 CONSELHOS PARA FAZER TRADUÇÕES MAIS EFICAZES: 3

1. Primeiro, não faça mal.
2. A lealdade principal do tradutor devia ser com o autor. Não hesite em consultar o autor ou outro perito para pedir conselho, ou pesquisar qualquer pergunta que surja na obra.
3. Seja exato; não mude nada sem permissão.
4. Procure conseguir que o seu próprio estilo de escrever e tom de voz concordem com os do autor.
5. Mantenha todas as figuras de linguagem, jogos de palavras, imagens verbais e técnicas literárias, a não ser que fazer assim danifique uma tradução ou seja impossível.
6. Não retraduzo nenhum trecho já traduzido; em vez disso cite o original.
7. Evite duplo sentido não intencional.
8. Conserve referências culturais se for possível.
9. Dentro dos limites de prazo final e de tempo disponível, reveja e reescreva a tradução tanto quanto possível.
10. Faça que o texto final pareça como se o autor originalmente o escrevesse no idioma em que se destine.

TOP 10 LIST OF TRANSLATING TIPS:

1. First, do no harm.
 2. A translator's foremost loyalty is to the author. Do not hesitate to consult the author or other experts for advice, or to research any questions that arise in the work.
 3. Be accurate; do not alter a work without permission.
 4. Match your writing style and tone of voice to the author's.
 5. Preserve figures of speech, wordplay, imagery and literary devices, unless doing so spoils a translation or it is impossible.
 6. Do not retranslate an already-translated excerpt; quote the original instead.
 7. Avoid unintended double meanings.
 8. Preserve cultural references where possible.
 9. Within the limits of deadlines and available time, review and rewrite the translation as much as possible.
 10. Make the final text sound as though the author originally wrote it in the destination language.
-

³ Baker, Katharine F. “Tradutor – não Traidor”. Apresentação convidada no congresso *Escritas dispersas – Convergência de afetos*, na Universidade dos Açores, Ponta Delgada, São Miguel, 25 Out 2009.

2. VICTOR RUI DORES 25º COLÓQUIO DA LUSOFONIA GRACIOSA 2015

TEMA 1.1. DA MINHA GRACIOSENSIDADE

Sou graciosenses com muito orgulho e saudade. Um dia saí da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim. Esta é uma ilha que navega dentro de mim e que, de alguma forma, carrego às costas. Por isso mesmo criei, em 2006, o conceito da GRACIOSENSIDADE, por decalque de “açorianidade”, de Vitorino Nemésio, que, por sua vez, havia decalcado de “hispanidad” de Miguel de Unamuno.

GRACIOSENSIDADE é o meu apego, o meu amor incondicional, a minha identidade e identificação com a Ilha Graciosa e com o imaginário graciosense.

Na minha intervenção lançarei alguns olhares sobre a história, a geografia, a onomástica, os usos, costumes e tradições da Ilha Graciosa, sendo meu propósito caracterizar as marcas de uma maneira de ser e estar graciosenses.

DA MINHA GRACIOSENSIDADE

Não é impunemente que se nasce na segunda mais pequena Ilha dos Açores, onde a terra é pouca, o mar é vasto e o sonho é enorme...

Por isso faço, desde já, uma declaração de interesses: sou graciosense com muito orgulho e saudade.

A Graciosa faz parte da minha memória primeira e do meu imaginário afetivo. Foi nesta ilha que despertei para a vida, para o mundo e para o conhecimento das coisas.

Saí um dia da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim – ela navega em mim, carrego-a dentro de mim. Por isso mesmo sinto o direito e o dever de reivindicar aquilo que, dentro e fora de fóruns de debate, tenho vindo a chamar de *graciosidade*, conceito que criei a partir de açorianidade, de Vitorino Nemésio. E a minha *graciosidade* é precisamente o meu apego e o meu amor incondicional pela Ilha Graciosa, é a minha marca de identidade e de identificação com o espaço graciosense.

A Graciosa, com 61 km² e 4.390 habitantes, é de todas as Ilhas dos Açores a menos montanhosa e húmida. “Ilha branca” lhe chamaram, ao que se julga saber devido à abundância de traquito, a rocha que vista ao longe terá dado a impressão de ser branca aos olhos dos nossos primeiros povoadores. Daí a toponímia da Ilha: Barro Branco, Pedras Brancas, Serra Branca.

Esta ilha seduz o visitante pela sua paisagem feita de planuras, montes arredondados cobertos de árvores, vinhas entre paredes de pedra negra, campos de cultivo e a presença constante do mar. O conceito da Natureza intocada aplica-se aqui às

mil maravilhas. Possuindo um dos mais ricos ecossistemas do mundo, a Graciosa é, desde 2007, Reserva da Biosfera declarada pela UNESCO.

Se o leitor quiser fazer uma “viagem ao centro da terra”, não se fique pelo Júlio Verne e vá visitar a inquietante beleza da Furna do Enxofre, fenómeno vulcanológico raro e geologicamente único no mundo. Trata-se de uma depressão existente no subsolo da Caldeira – cratera de um antigo vulcão – onde se dá um fenómeno de libertação de gases sulfurosos provenientes de uma massa fluida em permanente ebulição localizada no interior mais recôndito da caverna. Comunica com o exterior através de duas aberturas, e em 1939, na maior delas, foi construída por um simples mestre pedreiro, sob a orientação do tenente Manuel Severo dos Reis, uma imponente escadaria (em caracol) de acesso, em alvenaria aparelhada, hoje apontada como um exemplo feliz em termos de engenharia ambiental. Durante muito tempo, e antes da sua construção, quem quisesse conhecer a Furna tinha que descer amarrado pela cintura.

O naturalista Fouqué, em 1873, e o príncipe Alberto de Mónaco, a partir de 1879, foram os primeiros a estudar a Furna, chamando a atenção da comunidade científica internacional para o seu interesse e originalidade.

Descendo os 184 degraus da referida escadaria, deparamos com um profundo túnel com cerca de 100 metros de profundidade. No fundo, uma enorme gruta, com abóbada de 80 metros de altura, revestida de estalactites e um lago subterrâneo, de água fria e sulfurosa, com cerca de 130 metros de diâmetro e 15 metros de profundidade máxima.

Um assombro! “Catedral de lavas ínvias”, chamou Vitorino Nemésio a este assombro. (“Vulva vulcânica” lhe chamei eu num poema). E se Raul Brandão, na sua viagem efetuada pelo Açores em 1924, tivesse desembarcado na Graciosa, tenho a impressão que o livro *As Ilhas Desconhecidas* teria mais um capítulo...

Emoldurada por vistosos moinhos de vento, Santa Cruz, situada na costa norte e sede do concelho, é uma Vila pitoresca com ruas desafogadas e belos exemplares de edificação senhorial – soberbas casas solarengas que pertenceram a gente que, no século XIX, enriqueceu à custa das duas grandes produções da ilha: vinho e cereais. O traçado da rede urbana é harmonioso, reflexo de um desenvolvimento pensado e não caótico. No centro da Vila existem dois paus (tanques) murados que se destinavam à recolha da água das chuvas e que noutros tempos eram utilizados como reservatório de água para o gado. Em frente, encontra-se uma ampla praça – Rossio – com um maciço de araucárias, ulmeiros e metrosíderos que oferecem beleza e frescura.

A hoje denominada Praça Fontes Pereira de Melo é o salão de visitas da Vila, espaço acolhedor de lazer e convívio, sendo de apreciar o empedrado artístico da sua calçada. E depois há a Igreja Matriz com fachada ornada por grossos motivos barrocos de pedra basáltica. O templo guarda os famosos Painéis Quinhentistas, possivelmente da autoria de Cristóvão de Figueiredo, valiosas peças com projeção nacional e internacional. Apesar das suas pequenas dimensões, a Graciosa possui atualmente 10 igrejas e 22 ermidas, o que constitui um importante património religioso.

A sul de Santa Cruz localiza-se São Mateus (Praia), numa zona plana e abrigada, estruturando-se a partir de uma via marginal que constitui o eixo de uma pequena estrutura

urbana. Na rua marginal, defronte para a praia, existe uma linha bem organizada de edifícios, de cores claras e fachadas simples, dando um ar de homogeneidade ao conjunto.

A Praia alberga o porto de passageiros e carga da Graciosa, e o seu ilhéu reveste-se de especial importância como habitat de aves marinhas pelágicas.

As freguesias de Guadalupe e Luz são típicas povoações rurais com casas brancas rodeadas de campos de cultivo. Na Luz encontram-se as famosas Termas do Carapacho, descobertas em 1750, cujas águas (cloretadas, sódicas, sulfatadas e cálcidas) são recomendadas para tratamento de nevralgias, doenças reumáticas e de pele. Aqui se faz termalismo de excelência.

Os graciosenses cumprem, na sua ilha, ciclos e ritos ancestrais – nessa subtil fronteira que separa o sacro do profano. E, dotados de uma alegria de viver, mantêm bem vivas as tradições populares: uma especial apetência pela festa, pela folia e pela música, com um gosto muito especial por animadíssimos bailes de salão, sendo de destacar um peculiar baile antigo (baile mandado). Mas a ilha marca outras diferenças: possui uma onomástica *sui generis*; uma forte tradição pianística; o seu Carnaval (com nítida influência brasileira) é caso único em Portugal porque tem a duração de 3 meses e não de 3 dias...

E mais: existem duas cantigas populares genuinamente graciosenses: “José” e “Terceira”. A gastronomia é de primeiríssima água e a doçaria não tem igual: queijadas, pastéis de arroz, para já não falar das dulcíssimas meloas...

A Graciosa já teve mais vinho do que água. Por isso continuamos hoje a apreciar os seus brancos e verdes, bem como as aguardentes envelhecidas durante 14 anos em cascos de carvalho. E convém destacar a andaia, bebida licorosa caseira, que tem origem no Brasil e foi trazida para a Graciosa no século XIX por emigrantes graciosenses.

De facto, uma ilha pequena como esta luta para ser diferente. Só mais três exemplos: a Graciosa é hoje a capital dos Açores no que à fotografia subaquática diz respeito; o município de Santa Cruz lidera o *ranking*, a nível nacional, de recolha seletiva de papel e cartão; a ilha está a dar passos decisivos nas energias renováveis.

Os graciosenses, no seu modo de viver pacato e ordeiro, são afáveis, alegres, hospitaleiros e comunicativos, sempre disponíveis para os comes e bebes... E esta é sem dúvida uma maneira de ser feliz.

Victor Rui Soares



3. TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS, MARIA ZÉLIA BORGES UPM JUBILADA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS,

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer. O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo.

Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga. Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito.

Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal. Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão. Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo.

Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta clareza e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga. Tal lenda, atribuída a Esopo com racontado de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio).

Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeira. Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: “Cantou durante o verão?! Pois dance agora.” Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo. O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

1. A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:

– Ah!..exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

2. A formiga má. Termina diferentemente:

[...] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

– Que fazia você durante o bom tempo?

– Eu... eu cantava.

– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: “Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade”.

Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso e prazer atividades condenáveis. No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de substituição.

As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;

2) o segundo verbo, διαπονεω, tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação “falando de estilo”,

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: **tripaliare* que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim *tripalium*, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo *tripális*, aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'. Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em “ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

“1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas;

2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo;

3 Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso”.

Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações:

1 **cessação** do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar

2 espaço de tempo em que se descansa

3 **falta** de ocupação; inação, ociosidade

4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade

5 Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundi-la simplesmente com ócio: a expressão “ócio criativo”. Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – “A um poeta”, onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,

Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – “Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!” – nas explicações a eles dadas por Houaiss (...). De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- *trabalhar*, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; *teimar*, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
- *limar*, isto é, “corroer material duro com lâmina dentada”;
- *sofrer*, isto é “experimentar com resignação e paciência; suportar, tolerar, aguentar”;
- *suar*, isto é, “empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se”.

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como “capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como “quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade”. Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como “a força e a graça na simplicidade”.

De fato, força pode se opor a graça:

1. *força*, isto é, “robustez, vigor físico, energia vital;
2. *graça*, isto é “elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço.

Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e “cigarreou” no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: “A simplicidade é a máxima sofisticação” (Isaacson, 2011: p. 99). O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor.

Convém agora atentar às cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi¹ os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequento estas ilhas queridas. Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa.

Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar. Tabulei², inicialmente, dados da Antologia. Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX). Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado.

São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá. Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia. Açorianos todos os demais da *Antologia Bilingue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Dóres. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores. Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936. Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002. Assim, produziram até o século XXI. Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos. A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos,

Publicações, Antologias e Obras traduzidas. Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela. Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes. Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor). A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias. Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão. No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação. Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram. Registre também outras antologias para alguns autores onde foram referidas. Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarras). Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas. Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninguém dispensa.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – “A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás” – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

TABELAS:

VICTOR RUI DORES

NASCIMENTO	Local	Vila de Santa Cruz
	Ilha	Graciosa
	Data	1958
ESTUDOS	Fixado na Ilha Terceira, estudou no Liceu Nacional e Angra do Heroísmo. Licenciou-se em Línguas e Literaturas (Inglês e Alemão), na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Estuda etnomusicologia e etnografia. Pesquisa sotaques, pronúncias e variantes dialetais das ilhas açorianas. Possui Certificado de Estatuto de Formador conferido pela Direção	

	Regional de Educação e Formação em Didáticas Específicas (Inglês e Alemão) e Expressão Dramática
MAGISTÉRIO	Escola Secundária Manuel de Arraiga, em Horta, ilha do Faial
OUTROS TRABALHOS	Cumpriu Serviço Militar, com patentes de aspirante e Alferes, na Força Aérea. Foi presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta. É representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação e Presidente da Assembleia Geral da “Azórica”, Associação de Defesa do Ambiente. Ator e encenador no grupo de teatro da Escola Secundária Manuel de Arriaga, em projeto pelo qual é responsável desde 1988. Escreveu e encenou mais de 40 peças. Direção de ateliês e oficinas de Expressão Dramática. Apresenta e comenta espetáculos musicais. Colabora na RTP/RDP AÇORES.
PUBLICAÇÕES	Poesia, Ensaio, Crítica Literária, Crônica. Crônicas para jornais e revistas nacionais, regionais e da diáspora.
ANTOLOGIAS	Aparece em dez antologias: Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Instituto Camões, Institute of Governmental Studies Press/University of Califórnia, Berkeley, Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island
OBRAS TRADUZIDAS	

Uplemento 40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Cristóvão (1994) *Passageiro em Trânsito*. Lisboa: Salamandra.
(2000) – *Relação de Bordo II*. Porto: Campo das Letras.
- CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – *Antologia Bilingue de Autores Açorianos* – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.
- ISAACSON Walter (2011) – *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, João de (1978) - *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*. Lisboa: Veja.
- LOBATO, Monteiro (1976) – *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense.
- Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco
† Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/09/2012
- PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (*Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa
Qdivertido.com.br (2003-2011). *Contos infantis, historinhas e fábulas* Disponível em janeiro de 2012.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 17 - junho 2017
VICTOR RUI DORES

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

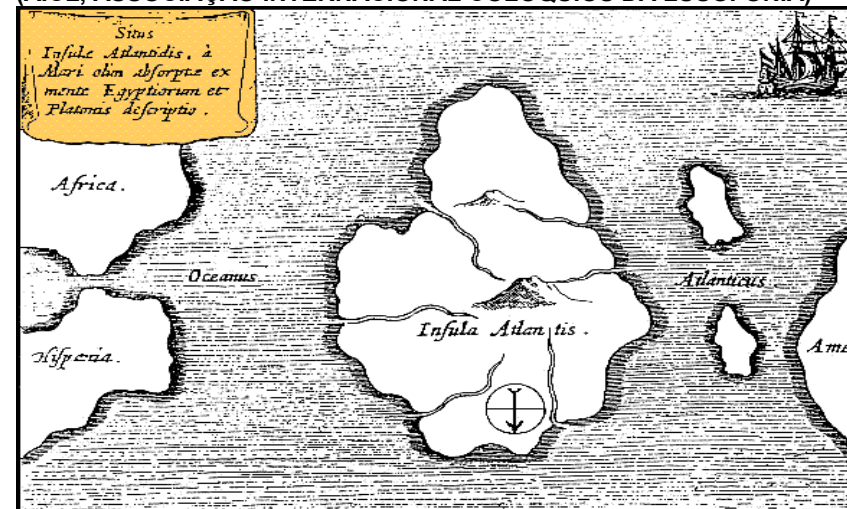
Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 17 é dedicado a VICTOR RUI DORES